

SENTIDOS E SIGNIFICADOS INTRÍNSECOS AO ORGASMO FEMININO: as influências das crenças sobre fé e amor romântico

SENSES AND INTRINSIC MEANINGS TO FEMALE ORGASM: the influences of beliefs about faith and romantic love

Anna Katrícia Miranda e Silva¹ (Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-5363-6331>); Rafisa Moscoso Lobato Rêgo² (Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-5988-0948>); Lorena Coutinho Lima³ (Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8128-4249>); Juliana Ferreira Martins⁴ (Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-8100-6437>); Melina Serra Pereira⁵ (Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6215-8255>)

¹Psicóloga. Universidade CEUMA. São Luís, Maranhão, Brasil.

²Psicóloga, Doutora, Professora da Universidade CEUMA. São Luís, Maranhão, Brasil.

³Psicóloga. Mestranda em Psicologia. Universidade Federal do Maranhão. São Luís, Maranhão, Brasil.

⁴Psicóloga. Mestranda em Psicologia. Universidade Federal do Maranhão. São Luís, Maranhão, Brasil.

⁵Psicóloga, Mestra, Professora da Universidade CEUMA. São Luís, Maranhão, Brasil.

RESUMO

Introdução: A Revolução Sexual é um marco, representa movimentos sociais de emancipação feminina que ocorreram em diferentes países do mundo a partir da década de 1960, o movimento por meio do advento da pílula anticoncepcional foi capaz de dissociar o encontro sexual, de reprodução, o que viabilizou uma nova vivência para a sexualidade da mulher e conseqüentemente o encontro com o orgasmo feminino. **Objetivo:** Descrever a vivência do orgasmo feminino após a revolução sexual; explorar seus sentidos e significados; examinar a influência de crenças religiosas; e analisar a relação entre o amor romântico e o orgasmo feminino. **Materiais e Método:** Este estudo é uma pesquisa qualitativa baseada em uma revisão de literatura do tipo integrativa. A análise incluiu cinco livros e quatro artigos científicos através das buscas realizadas nas bases de dados: Revista de Sexualidade Humana, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). **Resultados:** Os resultados foram organizados em três categorias de análise relacionadas aos objetivos deste estudo, são elas: 1. Sentidos e significados do orgasmo feminino; 2. Crenças religiosas e orgasmo feminino; e 3. Amor romântico e orgasmo feminino. **Conclusão:** A experiência do orgasmo feminino é influenciada por crenças religiosas e pelo entendimento de amor romântico. A sexualidade humana responde a uma conduta moral imprimida pelo contexto sócio-cultural, vivendo-se sob a égide de valores repressores, as mulheres têm a relação com o próprio corpo e sua capacidade de sentir prazer afetadas. **Conclusão:** A cultura norteia o que os indivíduos podem experimentar, existe um mecanismo de controle sexual mais articulado para corpos femininos, as

Autor correspondente:
Melina Serra Pereira
E-mail: melina.serra@ceuma.br
Fonte de financiamento: Próprio.
Parecer CEP:
Não se Aplica.
Procedência:
Não encomendado
Avaliação por pares:
Interna
Recebido em: 10/08/2024
Aprovado em: 09/06/2025

crenças religiosas e os ideais de amor romântico contribuem para o desconhecimento de mulheres sobre sua potência orgástica.

Palavras-chave: Amor romântico. Crenças religiosas. Revolução Sexual. Orgasmo feminino.

ABSTRACT

Introduction: The Sexual Revolution is a milestone representing the social movements of female emancipation that took place in different countries around the world starting in the 1960s. Through the advent of the contraceptive pill, this movement was able to dissociate sexual encounters from reproduction, enabling a new experience of sexuality for women and consequently facilitating the discovery of female orgasm. **Objective:** To describe the experience of female orgasm following the sexual revolution; to explore its meanings and meanings; to examine the influence of religious beliefs; and to analyze the relationship between romantic love and female orgasm. **Materials and Methods:** This study is a qualitative investigation based on an integrative literature review. The analysis included five books and four scientific articles, which were selected through searches conducted in the following databases: Revista de Sexualidade Humana, Scientific Electronic Library Online (Scielo) and Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). **Results:** The findings were organized into three categories of analysis that are related to this study's objectives. They are as follows: 1. Meanings and significance of the female orgasm; 2. Religious beliefs and the female orgasm; and 3. Romantic love and the female orgasm. **Conclusion:** The experience of the female orgasm is influenced by religious beliefs and ideals of romantic love. Human sexuality responds to moral codes imposed by sociocultural contexts, living under the aegis of repressive values. Women's relationship with their bodies and their capacity for pleasure are affected. **Conclusion:** Culture guides what individuals are allowed to experience, and there is a more articulated mechanism of sexual control for female bodies. Religious beliefs and romantic ideals contribute to women's lack of awareness and understanding of their orgasmic potential.

Keywords: Romantic love. Religious beliefs. Sexual Revolution. Female orgasm.

INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe descrever a vivência do orgasmo feminino após a revolução sexual, observando a relação macrocós mica das crenças institucionais, relativas a crenças religiosas e quanto aos ideais de amor romântico, relacionando-as à vivência



microc3smica da mulher em sua subjetividade, como se refletem os sentidos e significados do orgasmo feminino, delineando a dada rela33o ap33s a Revolu33o Sexual dos anos 1960, marcada pelo advento da p33lula anticoncepcional. Discuss33o esta que 33 consequ33ncia de movimentos sociais, essencialmente dos movimentos feministas, que proporcionam uma emancipa33o feminina para sentir e pensar a pr33pria sexualidade, um ato subversivo^a que pode ser anunciado como um ato pol33tico. Foucault traz a ideia de dispositivo de sexualidade, uma maneira de escolher os discursos para vociferar ou calar sobre a sexualidade, contra tal sele33o impositiva 33 preciso trazer o corpo e o prazer¹.

Incluir sentidos e significados se faz necess33rio, pois o ser humano se constitui em simbiose com a cultura, sendo a ela introduzida por um “outro” por meio da linguagem, “falar por meio de uma linguagem simb33lica implica a capacidade de representar o ausente mediante signos arbitr33rios e n33o necessariamente a linguagem falada pela boca”². Os aspectos, valores e costumes culturais fundamentam a constru33o singular da subjetividade do sujeito que ocorre em alian33a com o contexto que est33 dado. De tal forma, 33 necess33rio diferenciar uma palavra daquilo que ela 33 ou significa, pois diferentes contextos implicam em sentidos e significados distintos, h33 potencialidade de ser transformada pelo ambiente ou per33odo, ou seja, os valores sociais afetam os significados das palavras e, portanto, da experi33ncia que estas simbolizam, cada sujeito est33 pass33vel de construir suas cren33as individuais com o que 33 dado pelo externo².

^a Subversivo, adjetivo definido pelo dicion33rio Oxford Languages como: que ou aquele que prega ou executa atos visando 33 transforma33o ou derrubada da ordem estabelecida; revolucion33rio. A sexualidade feminina se construiu ao longo da hist33ria velada e silenciada, tratar de subvers33o alinha-se ent33o ao revolucion33rio, por mudar uma ordem vigente de manter o desejo calada. Tal revolu33o engloba a moral social e a revira

Os corpos também falam, dessa forma, o corpo é lar da língua materna original, na ausência de um diálogo verbal bem elaborado, se transforma em uma linguagem essencial, é capaz de comunicar o que é da ordem emocional. Para uma variedade de pessoas, os corpos se mantêm como a língua primordial, quando se trata de comunicar e experimentar a intimidade sexual. Dada a construção histórica de vigência patriarcal, a sexualidade feminina foi contida, no intuito de não corromper a virtude dos homens, estes que, pela dupla moral de gênero, têm sua sexualidade reconhecida como vigorosa. Ao privilegiar a verbalização por parte das mulheres e rebaixar o corpo feminino, extingue-se deste a sensualidade como forma de poder, conspirando para manter as mulheres confinadas³.

Corpo é uma condição intrínseca à existência humana e também pode ser entendido como um veículo de prazer. Contudo, o corpo feminino é construído como objeto de repressão, não para viver o próprio orgasmo, mas para satisfazer o outro. Sendo este “outro” um sujeito do gênero masculino, o sistema político vigente beneficia e protege homens. Uma das formas de controle sobre o corpo feminino é através da condenação de sua sexualidade, historicamente construída e perpetuada pela cultura para se conservar no silêncio. O corpo e o prazer feminino, por consequência, o orgasmo feminino, se encontram sob um véu do imoral, apenas a manifestação da sexualidade masculina é tida como “normal”. Tal diferenciação é criada em cima do binarismo de gênero, um par de opostos, masculino e feminino, e sem interseção em comum, há uma ideia de qualidades femininas (doçura, gentiliza, cuidado) e masculinas (virilidade, sexualidade, força), o gênero é então



um conceito relacional, implica uma hierarquia de poder, privilégio, menos ou mais prestígio².

As características exaltadas como femininas e bem-vistas, ou seja, incentivadas, se detém em um estado de contentamento e provedor, zelando pelo bem-estar do outro, sendo este pai, marido ou família. A Revolução Sexual é um marco, representa movimentos sociais de emancipação feminina que ocorreram em diferentes países do mundo a partir da década de 1960. Teve seu início com o desenvolvimento e distribuição da pílula anticoncepcional, que surgiu no mercado em 18 de agosto de 1960 nos Estados Unidos^b. A pílula anticoncepcional inaugura para as mulheres uma possibilidade de experienciar o sexo de maneira mais liberta, por transformar os hábitos sexuais, ocorre uma desvinculação do ato sexual feminino da reprodução. É viabilizado a emancipação quanto às escolhas de vida, carreira, construção de uma família e estudos pelas mulheres, e assim abre-se alas para a possibilidade de decisão, por algo que foi por séculos uma questão “divina ou da natureza”⁴.

O orgasmo está intimamente ligado à relação sexual, seja uma relação íntima e autônoma, ou um encontro com outra pessoa, o veículo de manifestar e experienciar esse fenômeno é o corpo. O corpo é lar dos sentidos, toque, cheiro, sabor, estética, sons, comporta a compreensão e deleite destes, está disponível para os todos, entretanto, existem normas sociais anunciando o que é cabível, ou não, experimentar com o próprio

^b Quando a pílula anticoncepcional foi disponibilizada nas farmácias ela carregava como título “remédio para aliviar sintomas desagradáveis da menstruação”, até 1965 estava proibido o uso de métodos contraceptivos nos Estados Unidos, toda a pesquisa aconteceu às escondidas para o desenvolvimento da pílula.



corpo. A norma instaurada para o que é válido quanto a conduta sexual humana é dado pelo zeitgeist^c, onde os contextos social, econômico, político, cultural, religioso, ideológico e relacional, ditam o cenário onde os corpos se encontram, sendo assim crenças e tabus diversos permeiam diferentes momentos históricos⁵.

O movimento humano sucumbiu ao tabu que pesa sobre o corpo humano, se perpetuou o entendimento durante a idade média de que o sexo era um mal necessário, como fim tinha apenas a reprodução, mas o ato sexual perturbava a verdadeira vocação da alma, a busca por uma perfeição espiritual, por definição, não sexual e transcendente a carne, há assim uma exaltação do celibato e da virgindade⁶. Há uma legislação sobre a carne, sendo assim, se o corpo não é bom, seu movimento não pode ser bom, por consequência, o orgasmo gerado pelo manejo desta carne é, em algum nível, condenável. O ser humano se move, e sua movimentação é uma linguagem completa, mas enquanto o tabu vigora a linguagem não verbal do prazer permanece suprimida⁷.

É necessário então elucidar os conceitos de orgasmo, para além de uma moral castradora de prazer. Masters e Johnson⁸ afirmaram só existir um orgasmo feminino, o clitoriano, sendo o orgasmo provocado pelo estímulo direto ou indireto deste órgão que tem como única função fisiológica a incitação de prazer. Helen Kaplan⁹ define o orgasmo como o prazer mais intenso das sensações sexuais, sendo as características do orgasmo feminino idênticas para todas as mulheres, existindo evidência clínica indicando que o orgasmo feminino pode ser acionado por diferentes formas de estímulo clitoriano.

^c Zeitgeist: termo alemão cuja tradução significa espírito da época ou espírito do tempo, a atmosfera intelectual, tecnológica e cultural de um período.



O conceito de orgasmo teve uma ampliação para a chamada potência orgástica, exaltando o orgasmo para além de uma fase involuntária de contrações musculares genital, isto sendo, quando toda a musculatura do corpo participa com contrações vigorosas à medida que a excitação flui do genital para o corpo, concebendo o orgasmo também como uma sensação de “fusão” corporal e uma anulação de consciência no clímax¹⁰. Levando em consideração os diferentes significados que foram explorados quanto ao orgasmo feminino, é importante acordar para o fato de que o fenômeno possui diferentes sentidos, contudo o orgasmo é um só, variando corpos, experiências pessoais, fantasias^d, crenças e estímulos.

Socialmente, existe um acordo tácito quanto a forma de experimentar a sexualidade. As ciências sexuais surgem como resposta a imposição social que elenca o que seria permitido, aquilo que cabe como aceitável quando se trata de vivenciar a sexualidade humana, como consequência passa a ser possível excluir o que foge desse padrão, deixando de lado o fato de que a vivência é individual e não é possível incluir todos os corpos sob um mesmo conceito de prazer¹. Em destaque coloca-se aqui o amor romântico, sendo o ideal perpetuado midiaticamente anunciando como o objetivo, único, o ambiente do casamento sendo onde a mulher encontrará a sua felicidade em terra. Além disso, discorre-se no decorrer deste estudo, a religião como forma de dominação da espiritualidade humana e garantia sua paz no paraíso¹¹.

^d Fantasias, no ambiente da sexualidade humana compreende-se como uma aliança ao desejo, e uma forma de orientá-lo, a fantasia é o ato de imaginar a concretização da idealização, encontra a imaginação. A fantasia não é a antítese da realidade, mas o enriquecimento dela (ANDRADE, 2020).



O amor romântico para além de um sentir, ou fazer, se constrói como um produto, passa a ser um sonho de consumo, e teve seu processo de comercialização muito bem elaborado, anunciado desde 1950 em novelas, radionovelas, reforçado através de uma bela produção audiovisual que o destino e felicidade da mulher estava no lar, ao lado de seu marido, atuando apenas como mãe de seus filhos, um projeto que vende um sonho⁵. As características do amor romântico incluem uma idealização da pessoa amada, projeta-se nela todas as características que norteiam a satisfação do desejo de quem idealiza, é uma atribuição de traços de personalidade que na verdade o ser amado não possui, ou seja, não ocorre uma relação com a pessoa real, mas com a inventada, composta com as próprias vontades, sem compromisso com o arranjo de complexidades que compõe uma pessoa³.

Enquanto isso, a religião passa a ser institucional, desconsiderando que a espiritualidade se alinha aos significados e sentidos de vida estando atrelados a convicções e emoções não materiais, sem necessariamente existir a partir da crença ou prática religiosa como definiu a Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1988. A religião clamar essencialmente acerca do tópico fé é algo que pode ser considerado novo, pois originalmente a religião se ocupava mais da conduta correta, na qual o sexo ocupava um lugar central, ou seja, a religião sempre dissertou sobre sexo, por meio de imposições de regras sexuais, esta regulação afeta o entendimento acerca do que é ser humano. A religião não precisa possuir um fiel autodeclarado, caso tenha sucesso em controlar sua vida sexual essa pessoa vive como se fosse, em uma perseguição pela “salvação”¹².

Tanto no amor quanto na religião há uma busca por sensações de plenitude. Esta busca é por algo que ultrapasse o ego individual, visa-se uma perfeição, ir além, em direção



ao extraordinário e sem limites, o amor também é uma busca espiritual de preenchimento. As crenças que se entrelaçam como uma aliança a ambos os aspectos, de amor romântico e da esfera da religião influenciam o encontro com o orgasmo feminino, pois o orgasmo é sobretudo um fenômeno psíquico atravessado por valores interiores, uma experiência de alma e de espírito¹¹.

Desta forma, este estudo apresenta tensionamentos acerca do orgasmo, do prazer, da sexualidade feminina, da espiritualidade e do amor. Compreendendo o orgasmo feminino como um fenômeno natural e não normalizado pela estruturação sexista^e da performance de gênero, um princípio sociocultural que atravessa o campo subjetivo da manifestação da personalidade individual. Dissertar sobre formas de encarar o prazer é uma maneira de promover a emancipação feminina por viabilizar uma relação livre com o próprio corpo, a maneira como se vive o erótico impacta a forma de olhar prazer na vida em seu cotidiano¹³:

Entretanto, saber descobrir e sentir prazer pode ser um talento e uma arte que precisa ser cultivada. E, com toda a repressão sexual da nossa cultura, não é tão simples. Certos prazeres são aceitos, alguns condenados, outros proibidos mesmo. Não é sem motivo, impedir as pessoas de experimentar prazer é uma forma eficiente de mantê-las sob controle³.

O termo erótico vem do grego *eros*, sendo na mitologia o deus do amor, erótico é um termo que exalta o sexo em sua proximidade com a arte. A vivência com o erótico aproxima-se do amor, muito além do amor romântico, mas há o florescimento do próprio

^e Sexismo: Discriminação de gênero, é o preconceito baseado no gênero ou sexo de uma pessoa.

encanto pela vida quando existe uma qualidade de exploração do erotismo. Para as mulheres, esse deleite não habita sua plenitude. Levando em conta um estudo realizado pela universidade de Indiana nos Estados Unidos, em relação a encontros sexuais – heterossexuais – os homens alcançam seu orgasmo 75% das vezes, contra apenas 32% das mulheres. Não é possível responsabilizar apenas os parceiros sexuais pelos dados encontrados, é preciso lembrar da socialização da mulher e as amarras impostas sobre seu encontro com prazer. O *gap*¹ pode ser reduzido lidando com fatores socioculturais e encorajando uma variedade mais ampla de atividades quando homens e mulheres são sexualmente íntimos, de acordo com o resultado do estudo¹⁴.

O presente trabalho disserta em um viés antissexista, de combate à desigualdade de gênero que atravessa as mulheres no campo da saúde mental². A mentalidade vigente em nível sócio estrutural influencia em uma meritocracia do prazer, o orgasmo feminino sofre repressões perpetuadas durante séculos pela ausência de educação básica quanto a sexualidade humana, e tolera uma institucionalização de políticas públicas ineficientes no contexto social. “A educação pública para crianças precisa ser um local onde ativistas feministas continuem fazendo o trabalho de criar currículos sem preconceitos”¹⁵.

Este estudo buscou descrever a vivência do orgasmo feminino após a revolução sexual, além de explorar os sentidos e significados do orgasmo feminino, discutir crenças religiosas e o orgasmo feminino, como também relacionar o amor romântico e o orgasmo feminino. Este trabalho é constituído pela já apresentada introdução, seguida da

¹ *Orgasm gap* é um termo da língua inglesa utilizado para tratar da diferença quanto a presença do orgasmo entre homens e mulheres que viveram a mesma relação sexual, sendo gap a lacuna que existe.



metodologia que orientou esta pesquisa, sucedida das apresentações dos resultados e discussões, por fim, as referências utilizadas para embasar a construção deste artigo.

MATERIAL E MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa a partir de uma revisão de literatura do tipo integrativa, método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática¹⁶. Esta pesquisa possui caráter descritivo, onde acontece uma observação de fatos e fenômenos por meio de uma coleta de dados, há registo dos dados selecionados que sejam relevantes para análise¹⁷, e caráter exploratório, com o objetivo de gerar familiaridade com o problema para torná-lo mais explícito, com construção de hipótese, incluindo um levantamento bibliográfico¹⁸.

Como procedimento técnicos, essa busca foi realizada em acervos físicos e virtuais de bibliotecas para a seleção dos livros e nas seguintes bases de dados para a seleção dos artigos: Revista Brasileira de Sexualidade Humana, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram utilizados os seguintes descritores: “prazer feminino”, “orgasmo feminino”, “revolução sexual”. A pesquisa foi realizada nestas bases de dados, sendo necessário filtrar os resultados para encontrar aqueles que ressoassem com os objetivos do estudo. Os seguintes critérios de inclusão foram aplicados: capítulos de livros ou artigos científicos disponibilizados na íntegra, em língua portuguesa, que versassem sobre orgasmo feminino, após a revolução sexual de 1960, publicados nos últimos 20 anos (2003 a 2022). O período extenso justificou-se pelo interesse em construir uma evolução dos conceitos que englobam o orgasmo feminino ao longo dos últimos anos.



Foram adotados os seguintes critérios de exclusão: artigos ou livros publicados fora do período mencionado, em outros idiomas que não a língua portuguesa, que não apresentaram relação com os objetivos deste estudo e que não estavam disponíveis na íntegra.

Para a elaboração da presente pesquisa foram selecionados 5 livros e 4 artigos científicos. Todo material selecionado passou por uma leitura minuciosa, por meio de um fichamento, viabilizando a extração dos conteúdos que contemplassem os objetivos da pesquisa. Os dados coletados foram analisados a partir da análise de conteúdo, sendo um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento¹⁹.

RESULTADOS

O quadro 1, apresentada a seguir, ilustra as cinco obras literárias selecionadas para embasar e nortear a elaboração desta pesquisa. As autoras definidas (tendo tratamento orientado pelo pronome feminino pois existem majoritariamente mulheres à frente das pesquisas e elaborações das análises culturais) são pesquisadoras guiadas por um estudo letrado em gênero, tendo obras atuais e esclarecedoras sobre o tema apresentado e os objetivos deste artigo.

Quadro 1 – Obras literárias para elaboração da pesquisa

Autor (Ano)	Título	Contribuições da autora
----------------	--------	-------------------------



Regina Navarro Lins (2017).	Novas formas de amar nada vai ser como antes: grandes transformações nos relacionamentos amorosos	<ul style="list-style-type: none"> • O amor romântico é uma busca incessante por algo que preencha quem ama completamente, atenda a todas as suas fantasias, desejos, necessidades, uma ideia cultural. • Antes da revolução sexual prevalecia uma moral sexual rígida e repressora. A falta de interesse sexual foi trabalhada como um importante aspecto da feminilidade, algo a ser apreciado. • Há tabus permeados socialmente de origem religiosa que historicamente associaram o sexo ao pecado, estes valores angariam culpa, vergonha e medo, em mulheres, as minando de dar vazão as suas fantasias e desejos.
Bell Hooks (2021).	Tudo sobre o amor: novas perspectivas	<ul style="list-style-type: none"> • É socialmente reforçada a ideia de que amor é um sentimento. Dizer que homens e mulheres possuem diferentes formas de amar baseada em seu sexo é negar a construção dos papéis de gênero dentro da cultura. Pelo mito do amor romântico mulheres estão dispostas a se acomodar em situações de desamor. A ideia destrutiva do amor romântico é alcançar o amor sem capacidade de escolher. • Mulheres só foram capazes de articular seus desejos eróticos com a revolução sexual e com o movimento feminista, mas sempre puderam falar de amor. Não há habilidades culturalmente socializadas para a verbalização de desejos, de amor ou de sexo.
Bell Hooks (2018).	O feminismo é para todo mundo	<ul style="list-style-type: none"> • Apresenta uma política sexual feminista, reflexo do movimento feminista e da revolução sexual de 1960. Antes do movimento mulheres achavam quase impossível declarar viver uma vida sexual saudável. O pensamento sexista declarava que desejo sexual e prazer sexual eram territórios masculino, apenas. As mulheres que declaram ter desejo sexual eram apontadas como mulheres de pouco valor. Havia dividido explicitamente mulheres “para casar” e “outras”. • Existem mulheres em nosso cotidiano que desconhecem a vivência do prazer sexual. A liberdade sexual da mulher inclui o conhecimento sobre o próprio corpo e acerca da integridade sexual. • O ideal de amor romântico e casamento são pensamentos de vertente patriarcal e se sustentam na ideia de dominação e submissão. Incita-se as mulheres a se disponibilizarem, atendendo as vontades sexuais de seus parceiros, ou seja, sujeitando seus corpos a eles.

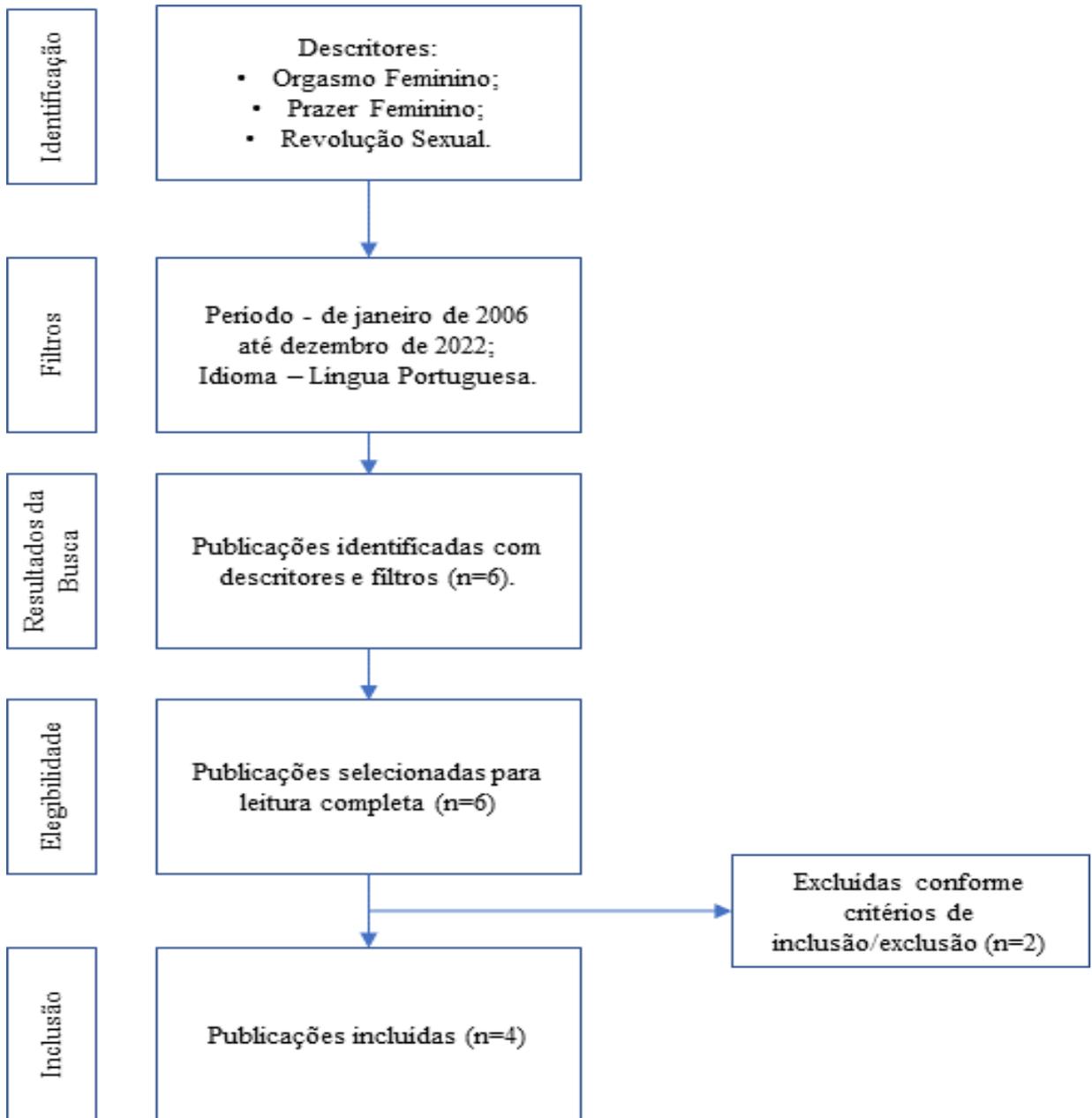
<p>Valeska Zanello (2018).</p>	<p>Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sentimentos não são naturais, são culturalmente construídos. Mecanismos sociais e políticos interpelam performances e maneira de sentir. O amor é específico para cada gênero, classe social, idade e povo. • Amor romântico é corrompido pelas relações de poder, perpetua uma dependência psicológica feminina. • O Brasil foi colonizado por portugueses católicos o que fundamentou a moral e ética da cultura brasileira. Como consequência a repressão sexual inflamada, surgiu uma obsessão da sociedade ocidental pelo erótico, associado à pornografia. Mesmo com mudanças provocadas pela urbanização e tecnologia, a repressão sexual se mantém dentre mulheres. • Amar pode ser um serviço de tempo integral para mulheres, como a profissão é para os homens. Para as mulheres o amor diz respeito a sua identidade.
<p>Dag Øistein Endsjø (2014).</p>	<p>Sexo e religião: do baile das virgens ao sexo sagrado homossexual</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Nenhuma sociedade conhecida jamais existiu sem regras sobre sexo. A estrutura quanto a conduta sexual aceitável em todas as sociedades foi estabelecida por meio de um complexo processo cultural e religioso. • O sexo é tratado como uma enorme questão de poder. O controle sexual do indivíduo, tem impacto na maior parte de sua existência. O fato do sexo se tornar sagrado ou abominável depende inteiramente de uma religião defini-lo como tal. Pode não haver êxito em converter um sujeito, mas ao controlar a sua vida sexual, vive-se como se fosse um fiel.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

As buscas por artigos foram realizadas em três bases de dados durante o mês de maio do corrente ano, a saber: Revista Brasileira de Sexualidade Humana, Scielo e BVS. A razão de um número escasso de artigos selecionados se justifica pela ausência de estudos que tenham como foco o orgasmo feminino e sua vivência contemporânea. Ao aplicar filtros

e fazer leitura dos artigos sugeridos, apenas a Revista Brasileira de Sexualidade Humana retornou material que se alinhasse aos objetivos desta pesquisa, totalizando quatro artigos selecionados, conforme descrito no fluxograma da Figura 1:

Figura 1 – Processo de seleção dos artigos científicos nas bases de dados



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

O Quadro 2, apresentada a seguir, ilustra os 4 artigos científicos selecionados por terem em sua pesquisa fundamentos alinhados aos objetivos guias deste estudo.

Quadro 2 – Artigos científicos selecionados

Autor (Ano)	Título	Metodologia	Objetivos	Conclusões
Alexandre da Silva Pereira, Wanderson Fernandes de Souza (2019)	Prazer sexual feminino: a experiência do orgasmo na literatura	Uma pesquisa qualitativa realizada por meio de uma revisão de literatura com artigos publicados em português inglês e espanhol.	Propiciar embasamento para a compreensão da vivência do orgasmo feminino, oferecendo definições conceituais úteis.	<ul style="list-style-type: none"> O orgasmo feminino é algo plural, complexo e multideterminado, carece de investigações que abarquem suas peculiaridades. Há necessidade de mais pesquisas. A popularização dos dados presentes nas pesquisas de conhecimento científico em nível comunitário pode impactar positivamente a saúde sexual feminina.
Silvia Piedade de Moraes, José Roberto da Silva Brêtas (2016)	O ônus do prazer: o aprendizado da sexualidade de meninas em conflito com a lei	Participaram deste estudo qualitativo nove adolescentes do sexo feminino com idades de 14 a 19 anos em cumprimento de liberdade assistida no município de Guarulhos, São Paulo. A coleta de dados ocorreu em duas fases, com entrevistas individuais.	Conhecer as representações sociais da sexualidade, seus comportamentos, subjetividades e a educação em sexualidade recebida pelas adolescentes em liberdade assistida	<ul style="list-style-type: none"> Saberes da sexualidade estão relacionados a doenças e prevenção de gravidez, cabem às mulheres o ônus de tais aspectos. Há visão negativa da sexualidade, enfatizando a busca pelo prazer como um ônus repleto de consequências. Já se percebe a importância dada ao prazer, mas ainda julgam as mulheres que o buscam de forma livre.



Aline Castelo Branco (2020)	Masturbação feminina: repercussão de curso na mídia eletrônica.	Para avaliar a repercussão da notícia sobre o curso de masturbação em sites e blogs dividiu-se a pesquisa em dois tipos: qualitativa e quantitativa.	Analisar a repercussão da notícia de uma empresa de salvador que lançou um curso de masturbação para mulheres e compreender os motivos pelos quais as mulheres procuraram e fizeram o curso.	<ul style="list-style-type: none"> • Enuncia o que se chama “Sociedade da Hipocrisia Íntima”, vive-se em um ambiente conservador no seu íntimo e liberal na sua imaginação. Pessoas têm desejos, mas os reprimem para evitar o julgamento social. • O alvoroço midiático aguçou a curiosidade das mulheres aumentando a procura pelo curso.
Rógerson Tenório de Andrade, Ricardo Cavalcanti Vilma, Maria da Silva (2020)	Orgasmo feminino: prevalência de crenças errôneas em Pernambuco, Brasil	Pesquisa quantitativa, qualitativa, com amostra de conveniência composta por 166 pessoas, com os pacientes atendidos nos ambulatórios de ginecologia e urologia de Pernambuco. Responderam questionário relativo às crenças e credices do orgasmo feminino.	Investigar as características sociodemográficas e as credices e superstições relacionadas ao orgasmo.	<ul style="list-style-type: none"> • A educação sexual pode ser ampla e abarcar o autoconhecimento corporal, desmistificação das crenças errôneas, dos tabus religiosos e melhora da comunicação. • É baixo o nível de conhecimento sobre os aspectos fisiológicos relacionados ao orgasmo feminino e há uma alta prevalência de credices na população estudada, intervenções educacionais relacionadas ao ensino da sexualidade devem ser propostas.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

DISCUSSÃO

Para melhor compreensão dos resultados levantados por esta pesquisa, os dados serão discutidos a partir de três categorias de análise, relacionadas aos objetivos deste estudo, são elas: 1. Sentidos e significados do orgasmo feminino; 2. Crenças religiosas e orgasmo feminino; e 3. Amor romântico e orgasmo feminino.

Sentidos e significados do orgasmo feminino

Após a revolução sexual dos anos 1960 novas formas de observar e sentir prazer foram inauguradas, o pós-revolução marca a possibilidade de experienciar atos sexuais por desejo e não apenas como um veículo para a firmação de uma família, isso de uma ótica feminina^{3,15}. A revolução sexual dos anos 1960 abriu alas para a vazão do desejo sexual, por inaugurar uma abertura cultural de como sentir prazer, por meio de movimentos sociais, e como consequência desafiar os padrões sexuais tradicionais de forma inédita. As mudanças que foram capazes de emergir no ato privado quanto às expressões sexuais foram positivas, em sua essência, especialmente para a sexualidade feminina e para a diversidade sexual²⁰.

A cultura é apresentada por sua linguagem²¹. A revolução sexual se alicerça em conjunto ao movimento feminista e com ele compartilha os valores de emancipação feminina e combate ao sexismo, este sendo o preconceito de gênero, que privilegia vivências masculinas, inclusive na experiência sexual, entendia-se que desejo e prazer eram pertencentes apenas ao polo masculino. Isto se torna explícito pela forma como mulheres se encontravam sujeitas a categorização, por meio da linguagem, mulheres que declararam abertamente ter interesse sexual eram consideradas desgovernadas e rotuladas como



possuindo pouco valor, chamadas até de “prostituta”, não podendo ocupar o lugar de “esposa”, mesmo que a esta estivesse negado o prazer sexual, sendo então a “solteirona”, quem não fosse digna de ser selecionada para o casamento^{3,15,21}.

A falta de interesse sexual foi trabalhada como um importante aspecto da feminilidade, algo a ser apreciado³. Desejo, definido por Kaplan²² é um apetite pela atividade sexual, tal exercício não é posto como uma prioridade para mulheres, pois sua realização constitui uma perda subjetiva, vive-se um sentimento de desvalor por ser “sexual demais”, o que afeta negativamente a experiência de prazer na vida como um todo, pela dissociação com sua libido, a energia vital motivadora. Fazer sexo por prazer ainda acarreta uma perspectiva negativa para mulheres, fato marcado pelas diferenças de gênero²³, isso se justifica pela socialização das mulheres, aprende-se a priorizar sobretudo suas relações pessoais, o que afeta sua satisfação sexual e obtenção de prazer²⁴.

A dupla moral de gênero ronda os sentidos em nível social, ou seja, a diferenciação entre masculino e feminino favorece o primeiro e a ele viabiliza maiores poderes e relevância. Mesmo que a revolução sexual esteja datada na década de 1960, as pautas que elas levantaram permanecem atuais. Antes da revolução, o orgasmo feminino nem era cogitado, o sexo era praticado entre roupas e lençóis no escuro. Contudo, existem mulheres em nosso cotidiano que desconhecem a vivência do prazer sexual. O orgasmo feminino se relaciona com os valores sociais, perpassa uma autonomia feminina, dentro de uma sociedade que ainda desvaloriza o prazer da mulher, buscar e sentir orgasmo é um ato político, sentir prazer sendo um corpo feminino é revolucionário^{3,15}. O orgasmo feminino,



assim como a totalidade da vivência do prazer na mulher, é algo plural, multideterminado e complexo²⁴.

A partir dos estudos selecionados por esta pesquisa, é possível então compreender que o prazer feminino e o orgasmo foram negligenciados pela vigência da cultura patriarcal que se construiu ao longo dos últimos séculos. Contudo, o movimento feminista, em pauta desde os anos 1960, emancipa mulheres a pensar em uma satisfação sexual para além de agradar ao outro, mas ser capaz de assumir seus próprios desejos, mesmo que isto implique em uma desvalorização social. O corpo é, em sua natureza, sexuado, mas a repressão moral existente busca controlar os sujeitos. A busca pela dissociação entre ser e sexualidade é contrária a compreensão de corpo como totalidade, onde o corpo é uma potência sempre prestes a armar os estímulos dados pelo mundo em situação erótica, ou seja, o corpo em mundo, que se abre ao mundo, recebe seus estímulos e está sempre pronto para lhe oferecer algo de volta²⁵.

Crenças religiosas e orgasmo feminino

Em sintonia, Zanello²¹ e Endsjo¹² acordam para o fato de que a cultura norteia o que os indivíduos podem experimentar, e, por vezes, isto é profundo, não explícito, mas enraizado no corpo. Há uma orquestra psicológica, não necessariamente lógica que organiza a regência da vivência, inclusive da sexualidade. Castelo Branco²⁶, ao investigar a busca por um curso de masturbação, reconhece um alto interesse de mulheres por esse assunto e, ao realizar uma análise do discurso, infere que existe desconhecimento entre as



mulheres quanto a sua potência orgástica, o que estimula a busca por orientações didáticas.

O prazer feminino responde a normas de conduta sexual mais impositivas, fato que é posto como consenso em todas as obras literárias e pesquisas selecionadas por esse estudo. As mulheres estão submetidas a pedagogias afetivas de maneira a introjetar em seu comportamento uma atitude mais discreta quanto a sua sexualidade, este ponto é simbiótico para Endsjo¹² e Zanello²¹. Ao se opor a um tipo de sexo a religião está simultaneamente abençoando o sexo praticado da forma correta, a culpa e a benção do sexo caminham de mãos dadas¹².

Nestes tempos modernos da cultura brasileira, existe o reconhecimento da importância do prazer, inclusive do prazer feminino, mas julgamento e culpa são ônus que acompanham o deleite. Vive-se sobre a regência de uma “Sociedade da hipocrisia íntima”, que é conservadora quanto aos seus valores, que são de origem cristã, e conseqüentemente nutre por meio da cultura pessoas imaginando e desejando sem realizar suas fantasias, o indivíduo reprime-se para evitar um julgamento social. Quando uma mulher opta por rumar ao seu prazer é julgada pelos outros e carrega culpa e vergonha em si^{3,23,26}.

Há tabus permeados socialmente de origem religiosa que historicamente associaram o sexo ao pecado. Estes valores angariam culpa, vergonha e medo em mulheres, as minando de dar vazão as suas fantasias e desejos³. Não há mais uma regulação clara, sobre o ato sexual sagrado ou profano, contudo a culpa é latente, pois os tabus vociferados de origem religiosa continuam a deixar rastros por meio de seus valores, como apontado nas pesquisas científicas das autoras Moraes e Brêtas²³ e Pereira e Souza²⁴, o que corrobora



com a análise do dispositivo amoroso de Zanello²¹. Religiões são capazes de deturpar o sentido da vida espiritual, reprimir o sujeito e limitar suas ações²⁷.

A cultura cristã valoriza o sofrimento, contudo o sofrimento é desnecessário, a busca pode ser orientada em direção a máxima obtenção de prazer³. Um ponto em comum que acompanha as pesquisas selecionadas é a importância da masturbação como fator de saúde sexual, ou seja, buscar e sentir orgasmo é sinal de saúde. O sexo solitário, quando bem praticado, anuncia habilidades em aproveitar relações com parcerias, na compreensão de seu corpo e afeta positivamente a qualidade da resposta sexual. Como a masturbação feminina se construiu como um tabu, existe desinformação presente quanto a sua relevância para o bem-estar e qualidade de vida^{23,24,26,28}.

Amor romântico e orgasmo feminino

Em sua obra, Valeska Zanello faz um delineamento acerca do sentir, existe uma ideia de que sentimentos são naturais, entretanto, sentimentos são socialmente construídos, existe uma articulação de mecanismos sociais e políticos que interpelam performances e maneiras de sentir, sendo assim o amor é específico para cada gênero, classe social, idade e povo²¹. Bell Hooks em “Tudo sobre o amor: novas perspectivas” apresenta a possibilidade de conhecer o amor não como um sentimento, mas como uma ação, sendo assim, o amor seria um ato da vontade²⁷. O amor romântico, conceituado pela Regina Lins, consiste em uma busca que preencha todas as faltas, atende completamente a cada fantasias, desejo e necessidade, pois “é o amor” esta é uma ideia perpetuada culturalmente, falseada que acarreta inúmeras frustrações para quem parte nesta busca³.



O amor romântico está corrompido pelas relações de poder, por ser fundamento de uma estrutura patriarcal que se perpetua em um eixo dominação e submissão, que reforça uma dependência psicológica feminina²¹. Moraes e Brêtas²³ apontam que a relação sexual é fruto de uma aprendizagem, baseada nas diferenças de gênero, com definições do que é certo ou errado na maioria das vezes, carregam estereótipos sexistas, homofóbicos e racistas, o “normal” nestas relações está associado ao medo, à insegurança e a relações não-prazerosas para as mulheres.

Ao relacionar amor romântico e orgasmo feminino, conseqüentemente fala-se sobre relações sexuais com parcerias. Ao tratar de encontros sexuais, é urgente renunciar a roteiros arcaicos e então criar experiências, existem possibilidades ainda por ser exploradas no cosmos de prazer e orgasmo. Por meio das pedagogias afetivas, homens aprendem a amar muitas coisas, as mulheres aprendem a amar, sobretudo os homens. Para as mulheres, o amor diz respeito a sua identidade, o que as deixa pronta para se sacrificarem por amor, é sua razão de ser e viver, estão dispostas ao esquecimento de si²¹. Tais pedagogias afetivas envolvidas no aprendizado de relações sexuais, privilegia os homens quanto a busca pelo prazer, satisfação sexual e conseqüentemente o orgasmo, enquanto isto cabe ao polo feminino o ato de zelar pela manutenção desta relação^{23,24,26}.

Mulheres sempre puderam falar de amor, mas só foram capazes de articular seus desejos eróticos com a revolução sexual e com o movimento feminista, ou seja, tem apenas cinco décadas²⁷. O orgasmo feminino está disponível para todas, pois o clitóris, órgão que possui como única função proporcionar prazer, está presente em todos os corpos femininos, contudo por vezes se delega a autonomia de prazer sexual para a parceria. Prazer sexual se



relaciona a uma conexão com o próprio erotismo, uma valorização e curiosidade quanto aos desejos do corpo, contudo para tal liberdade é preciso passar por uma educação sexual libertadora, mas esta não se faz ativamente presente no Brasil^{23,24,26,28}.

CONCLUSÃO

A revolução sexual dos anos 1960 abriu alas para a vazão do desejo sexual feminino, amparada pelo movimento feminista. Antes da revolução, o orgasmo feminino nem era considerado. O prazer feminino e o orgasmo feminino foram negligenciados pela vigência da cultura patriarcal que através da dupla moral de gênero privilegia os desejos masculinos, através de pedagogias afetivas, pois mulheres aprendem que falta de interesse sexual é um atributo positivo e entendem que declarar interesse sexual diminui seu valor. A cultura norteia o que os indivíduos podem experimentar e perpetua um desconhecimento entre as mulheres quanto a sua própria potência orgástica, assim o prazer feminino responde a normas de conduta mais impositivas, do que o prazer masculino.

Há tabus de origem religiosa permeados socialmente e que historicamente associaram sexo ao pecado, ao se opor a um tipo de sexo a religião está consequentemente abençoando o sexo praticado da maneira correta. A benção e a culpa sexual caminham de mãos dadas. Paralelamente, a vergonha e a culpa feminina são relevantes mecanismos de controle social e a masturbação é sinal de saúde sexual. Compreende-se então o orgasmo feminino como ato político e sentir prazer sexual como uma maneira de se sentir bem na vida. É preciso um movimento individual de conexão da mulher com seu próprio corpo, com



seu prazer e seu desejo para uma vivência positiva quanto a sua sexualidade e este caminho perpassa pela auto erotização.

Mulheres sempre puderam falar de amor, mas só puderam anunciar seus desejos eróticos após a revolução sexual, isto tem apenas 50 anos. O amor romântico está corrompido pelas relações de poder, pois enquanto os homens aprendem a amar muitas coisas, as mulheres aprendem a amar sobretudo os homens, dentro de uma perspectiva heteronormativa de relação. Por meio de pedagogias afetivas envolvidas no aprendizado de relações sexuais, homens aprendem a buscar pela sua satisfação sexual e mulheres aprendem a zelar pela manutenção desta relação, o que está associado a medo, insegurança e relações sexuais não satisfatórias. Ao tratar de encontros sexuais, é urgente renunciar a roteiros arcaicos e criar experiências que exploram o cosmos do prazer e do orgasmo.

Este estudo apresenta limitações relacionadas à escassez de literatura científica sobre o assunto, além do fato que, historicamente, o prazer feminino, assim como a fisiologia que compõe os corpos femininos, foram pesquisados ao longo do tempo por homens, inúmeras vezes de forma violenta e estereotipada pelos padrões sociais e culturais. Ademais, esta pesquisa pode contribuir para a desconstrução de estigmas e preconceitos relacionados ao orgasmo e prazer femininos, auxiliando futuros estudos sobre a temática e oportunizando a conscientização de mulheres sobre a sua potência orgástica. Prazer é aprendido, é possível expandir, transformar um repertório sexual, ser humana é não determinado, mas um estado constante de possibilidades, tendo como certeza a morte, é urgente experimentar prazer enquanto se vive em corpo.



REFERÊNCIAS

1. Foucault M. História da sexualidade: a vontade de saber. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra; 2020.
2. Zanello V. A prateleira do amor sobre mulheres, homens e relações. Curitiba: Appris; 2022
3. Lins RN. Novas formas de amar nada vai ser como antes: grandes transformações nos relacionamentos amorosos. 9. ed. São Paulo: Planeta; 2017.
4. Rodrigues I. Pílula anticoncepcional marca a liberdade sexual feminina e expõe o machismo. In: IstoÉ. abr. 2022. Seção Saúde da Mulher.
5. Carelli AR. Sexualidade humana do passado ao presente. In: Diehl A, Vieira DL, organizadores. Sexualidade: do prazer ao sofrer. São Paulo: Roca; 2013. p. 1-38.
6. Richards J. Sexo, desvio e danação: as minorias da Idade Média. Rio de Janeiro: Zahar; 1993.
7. Feldenkais M. Consciência pelo movimento. New York: Harper and Row; 1972
8. Masters W, Johnson V. A resposta sexual humana. Rio de Janeiro: Roco; 1966.
9. Kaplan HS. Manual ilustrado de terapia sexual. 4ª ed. rev. y ampl. Barcelona: Debolsillo; 2010.
10. Reich W. A função do orgasmo. 18. ed. São Paulo: Brasiliense; 2006.
11. Johnson RA. We. A chave da psicologia do amor romântico. 2. ed. São Paulo: Mercury Novo Templo; 1995.



12. Endsjo DO. Sexo e religião: do baile das virgens ao sexo sagrado homossexual. São Paulo: Geração Editorial; 2014.
13. Lorde A. Os usos do erótico: O erótico como poder. In: Lorde A. Sister outsider: essays and speeches. New York: The Crossing Press Feminist Series; 1984. p. 53-59. Tradução de Tatiana Nascimento dos Santos, dez. 2009.
14. Frederick DA, et al. Differences in orgasm frequency among gay, lesbian, bisexual, and heterosexual men and women in a U.S. national sample. Arch Sex Behav. 2018;47(1):273-288.
15. Hooks B. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 2018.
16. Souza MT, Silva MD, Carvalho R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. Rev Esc Enferm USP. 2010;44(1):102-6.
17. Marconi MA, Lakatos EM. Fundamentos da metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas; 2010.
18. Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas; 2017.
19. Campos CJG. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. Rev Bras Enferm. 2004;57(5):611-614.
20. Luz JHS, Ribeiro MDT, Soares D de S. Sexualidade humana: fundamentos clínicos e terapêuticos. Curitiba: CRV; 2021.
21. Zanello V. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris; 2018.
22. Kaplan H. A nova terapia do sexo. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1977.



23. Moraes SP, Brêtas JR da S. O ônus do prazer: o aprendizado da sexualidade de meninas em conflito com a lei. Rev Bras Sexual Hum. 2020;27(1)
24. Pereira A, Souza WF. Prazer sexual feminino: a experiência do orgasmo na literatura. Rev Bras Sexual Hum. 2019;30(2):31-37.
25. Oliveira L. Corpo-diário: da escrita de si à escrita da cena. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Natal; 2015.
26. Castelo Branco A. Masturbação feminina: repercussão de curso na mídia eletrônica. Rev Bras Sexual Hum. 2020;26(2):27-34.
27. Hooks B. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. 1. ed. São Paulo: Elefante; 2021.
28. Andrade RT, Cavalcanti R, Silva VM. Orgasmo feminino: prevalência de crenças errôneas em Pernambuco, Brasil. Rev Bras Sexual Hum. 2020;26(1):9-14.

Conflito de interesse

As autoras declaram não possuir qualquer conflito de interesse, direto ou indireto, relacionado ao desenvolvimento da pesquisa intitulada “SENTIDOS E SIGNIFICADOS INTRÍNSECOS AO ORGASMO FEMININO: as influências das crenças sobre fé e amor romântico”.

